

EDUCAÇÃO NUTRICIONAL: ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS¹

NUTRITION EDUCATION: SOCIO-CULTURAL ASPECTS

Maria do Carmo Soares de FREITAS²

RESUMO

Este ensaio sobre a educação nutricional traz à tona algumas questões empíricas sobre os aspectos culturais da alimentação, a partir da análise de nossa experiência em diversos grupos sociais na prática da educação nutricional. O objetivo é refletir e teorizar a temática, conjugando interpretações de imagens culturais construídas sobre a alimentação e a nutrição na sociedade brasileira

Termos de indexação: educação nutricional, alimentação, nutrição.

ABSTRACT

This essay on nutrition education raises up some empirical questions about the cultural aspects of food, which emerged from the analysis of our experience with several social groups in the practice of nutrition education. The objective is to think about the theme and theorize it, connecting interpretations of cultural images about food which have been built and about the nutrition in Brazilian society.

Index terms: nutrition education, feeding, nutrition.

1. INTRODUÇÃO

A comida representa a manifestação da organização social, a chave simbólica dos costumes, o registro do modo de pensar a corporalidade no mundo em qualquer que seja a sociedade (CAMPORESI, 1996). No caso do Brasil e de outras sociedades dependentes, com desigualdades sociais acirradas, gostos ou paladares desiguais são historicamente distribuídos por modos desiguais de vida. A estratificação da mesa e da fisiologia do gosto - como se o gosto exercesse uma funcionalidade sobre a vida (SAVARIN, 1989), coloca os indivíduos

sob a mira de uma modernidade, que por um lado é opulenta e ostensiva, por outro escassa e faminta, dando lugar a uma sociedade baseada em uma racionalidade que elege a exclusão social, com o nítido objetivo de concentrar a renda, a terra e, conseqüentemente a mesa. Os grupos sociais na sociedade brasileira tem diferentes modos de concepção de alimentar o corpo, diferentes imagens que se modificam na trajetória da história. Desde a casa grande e a senzala em regiões de cana, principalmente no Nordeste, às emigrações no sul e sudeste do século passado até os dias atuais são muitos os aspectos cognitivos que direcionam o ato

⁽¹⁾ Palestra proferida no Congresso Brasileiro de Nutrição, realizado em Belo Horizonte, MG, no dia 26 de agosto de 1996.

⁽²⁾ Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Nutrição da Universidade Federal da Bahia.

alimentar, seguindo tradições ou incorporando valores de outras sociedades.

Para as classes sociais dominantes e intermediárias, a dieta leve não é mais a dieta do doente, e os rituais de celebrações são agora distintos das tradições passadas. Para CAMPORESI (1996) “esta perda de peso da mesa (dos ricos) é sinal de uma nova disciplina mental, de um novo gosto que reflete sobre a moda e os costumes”, reflete assim, uma nova medida de pensar o mundo. Um mundo agora com outras imagens, e que separa decisivamente “o passado de gostos bárbaros para escolhas leves e delicadas”, transcendendo regionalismos e se globalizando, influenciado pela estética da racionalidade moderna. Como parte da estrutura social, a comida tem conjugações distintas nos diversos segmentos. A nova abordagem da dieta “light” estabelece um modo de segregação de grupos sociais, influenciada pela ciência racional moderna.

Existe uma reestruturação dos gostos da sociedade que passa por novas categorias e se endereça a uma estética, que combina hambúrgueres, coca-cola e acarajé, postulando uma nova ética do corpo moderno, subordinando tradições, mas mantendo-as de modo singular e particularizado.

2. DISCUSSÃO

Para as classes populares em seus diversos estratos sociais, o poder aquisitivo, o comércio e a forma de como são distribuídas enquanto forças produtivas, impõem modelos culturais à mesa. A comida é também mesclada de valores simbólicos antigos e modernos, mantendo características regionais e padrões sócio-culturais nas diversas instâncias do conhecimento tradicional. Classificações como *comida de pobre, leves e pesadas, carregadas e santificadas* são formas de explicar um estar no mundo e sobreviver aos contatos da pobreza, os cheiros que exalam dos esgotos abertos e do lixo, a violência e a deficiência de condições, que por sua vez derivam medos, ansiedades, insegurança e horrores diários na luta pela sobrevivência (SCHEPER-HUGHES, 1992).

Neste sentido, sem separação, a corporalidade é igualmente classificada e a comida representa a mais importante chave interpretativa de suas existências. Comidas que compõem os rituais para a

cura das enfermidades do corpo, como para as enfermidades da alma, são valores construídos no universo simbólico, explicativos, necessários à vida. Para os que são mais ainda excluídos do processo produtivo, sobrevivem fisiológico e socialmente desprovidos de qualquer escolha. A *mesa* dos miseráveis não tem registros de modificações e racionalidades. A sobrevivência arqueológica de restos e ‘sobras’ não tem escolhas. Há sim, interpretações de um estar no mundo, onde a comida simboliza o contato diário com a vida, não apenas na dimensão da necessidade orgânica, mas sobretudo no sentido de continuar a participar socialmente do mundo, num processo que a nosso ver, vai além da condição vitimada, mas percorre outras esferas humanas, como a afetividade e outros signos necessários à vida (HELLER, 1989).

No cotidiano das classes populares, em geral nos diversos momentos e segmentos que a compõem, são construídos conceitos onde o medo da proximidade da doença e da morte são referências fundamentais. São edificados modos de conceber a vida, em estado de *fraqueza social*, e não apenas da corporalidade orgânica. E neste sentido as coisas e os sentimentos parecem igualmente fragilizados ou escassos como suas vidas. A exemplo, o leite materno de um peito fraco ou corpo *fraco* é conceituado como uma água sem odor e sem *força*. No aspecto simbólico, o desmame precoce é construído a partir destas concepções. Há uma descorporalidade pela ausência de auto-estima e não a negação do instinto materno (FREITAS, 1996). Há uma imagem física, concreta, da falta de condições, que é associada ao corpo; a mesa, o teto, a feira, o bairro, as forças do corpo - pernas, braços, cabeça, fígado, estômago, peito - são elementos conjugados à condição social. A comida aparece como substancial à explicação que reúne o conjunto biossocial. A interpretação do fortalecimento da comida é o indicativo para igualmente fortalecer o corpo e o sentimento. A complementação de chás, por exemplo, nas dietas populares fazem parte de um ritual que fortalece a comida, pela crença e fé em folhas medicamentosas ou sagradas. O receituário da dieta, assim como o do remédio de farmácia, transcendem o texto e se conjugam às imagens de rezas e aconselhamentos. A exemplo, no bairro de Alto da Esperança em Salvador, a maçã indicada pela nutricionista do Centro de Saúde para a terapia da diarreia, ou *desando*, é colocada ao lado da imagem

de Santo Antônio (Ogum para o Candomblé), e o que de fato é dado à criança é o chá de broto de goiabeira³. Na imagem criada pela mãe, a orientação alimentar deve ter a proteção do santo através da promessa na intermediação da cura. Não especificamente à este santo, mas ao que está mais próximo da família, ou ao santo do mês. O corpo responde ao estado da alma e a dieta, (*indieta*, como é conhecida em Salvador) quando restritiva, serve como uma limpeza do corpo carregado. O carregamento refere-se quase sempre ao mal, ao pecado, ao adoecimento.

O descarrego é parte da explicação para as restrições e proibições alimentares, complementadas com banhos de folhas e rezas. Os rituais para a cura, associam elementos diversos e regionais, e a dieta é vista como um complemento.

A observação dos profissionais de nutrição sobre os diversos elementos simbólicos são fundamentais para interpretar os conceitos construídos por diferentes sujeitos sociais e suas articulações com as ações concretas do cotidiano, enquanto estratégias de vida. Sem dúvidas as percepções nas classes populares, de suas necessidades enquanto corpo e alma, revelam categorias ontológicas ou valores sociais particularizadas por um estado de vida.

As formas de pensamento nas classes populares transcendem a constatação do sofrimento físico. A representação em qualquer estado de doença é na linguagem das classes populares, uma condição visível ou *sentida*, quer seja, por exemplo: desnutrido ou não, estão todos em um estado de fragilidade, enquanto expressão de corpo e de classe social (FREITAS, 1996).

O entendimento do processo histórico de suas condições sociais, econômicas, culturais e políticas, particularmente os aspectos simbólicos do corpo, são objetos que devem ser valorados na orientação nutricional propriamente dita. Ou seja, o encontro entre os sujeitos em qualquer ato pedagógico, deve estar aberto às diversas representações sociais, dos atores do mesmo cenário. As formas, crenças, imagens, silêncios e explicações das classes populares, não são irracionais, mas modos explicativos dos sujeitos e merecem ser interpretadas (FREITAS, 1996).

De maneira ampla e com algum cuidado não reducionista, chamamos a atenção para dois pontos

que identificamos como mais comumente utilizados na prática da educação nutricional no Brasil, segundo nossa observação, nos diversos momentos de debates e outras experiências ao longo dos anos;

1. Quando a educação é postulada como a consulta parcial da terapia, de modo homogêneo, a-histórico, a-temporal, independente de grupos sociais. O pensamento sobre este ritual da passagem entre a doença e a saúde, ou desnutrição e nutrição, dá-se em um encontro efêmero, com insuficiente interpretação dos aspectos cognitivos, postulando o saber técnico como único e portanto continuísta. Na lógica cultural deste encontro, a orientação nutricional é verticalizada, uniforme, e silenciada, quer seja, apropria-se da palavra, independente do sujeito. Neste caso, pouco se comenta sobre a nutrição em si, causas e efeitos deste ou daquele alimento, e nem mesmo os motivos associados a enfermidade específica.

2. Discute de modo mais particularizado aspectos da alimentação e da nutrição, que além de tentar mudar 'antigos padrões', estes são considerados como substâncias da história individual ou da família ou do grupo social. A racionalidade, os aspectos sócio-culturais na passagem de uma tradição para outra, quando necessários, são geralmente discutidos, visualizados, sentidos, por ambos os atores do encontro.

Pensar a educação nutricional como um ato capaz de mudar, transformar antigos paladares e hábitos não parece de fato ser uma tarefa simples. Necessariamente os aspectos sócio-culturais são relevantes em qualquer orientação terapêutica. São estes que podem direcionar a palavra e tentar desconstruir modelos e reconstruí-los a partir da discussão. Para tanto, a heterogeneidade de cada grupo social ou dos sujeitos sociais, requer reflexão e uma temporalidade própria. Espaço e tempo são assim situados como categorias essenciais, de uma dada região, de um determinado tempo, que mesmo exíguo, reflete a qualidade textual dos sujeitos (BARBOSA, 1995).

O conhecimento da fisiologia do gosto do outro é a nosso ver algo íntimo e particular, que se reporta a imagens, formas de concepção do corpo, da vida quotidiana, do medo de adoecer e morrer. Não se trata apenas de corrigir erros alimentares e impor

⁽³⁾ A tradição do uso, eficácia ou não, da folha de goiabeira no tratamento da diarreia, não será aqui analisado. O interesse para o momento é focalizar os aspectos subjetivos ou simbólicos que cercam o tema.

modelos teóricos, mas sobretudo explicar o processo alimentar e os aspectos nutricionais, relacionando-os ao cotidiano e verificar a capacidade de mudanças (SAVARIN, 1989).

Os aspectos cognitivos das enfermidades, dados pelo que os representa são discutidos com quem *pode sentir*, entender e interpretar o imaginário. Os atores qualificam o encontro, com suas linguagens e visões distintas e representam seus próprios conteúdos, técnico-científicos ou com crenças e mitos.

3. CONCLUSÃO

Distante de ser um aspecto meramente técnico, o “*educar a nutrição*”, ou ensinar sobre a nutrição, enquanto um gesto que tenta com o discurso mudar o comportamento alimentar do outro, requer uma compreensão da história, e da visão de mundo dos sujeitos sociais. A técnica, o saber técnico, não é descartável, mas sim o ponto referencial deste encontro. Como atuar, e os textos que surgem a cada construção deste encontro, transcendem o conhecimento técnico e entra inevitavelmente na instância filosófica, quer seja porque se trata de como um se encontra no mundo ou como concebe seu próprio mundo, quer seja porque se busca a explicação dos significados embutidos nesta esfera particular do conhecimento.

A gênese da questão é de fato complexa e complementar da relação dual entre o saber técnico-científico e o saber-comum. Há um espaço fora de padrões estabelecidos ou previsíveis. Elementos novos a cada encontro parecem indicar novas reflexões entre o saber técnico-científico e o saber-comum, leigo ou mundano, este de quem come e vive na qualidade de seu próprio mundo. O significado dos conceitos que surgem em cada experimento são construídos em um determinado momento histórico e cada contato deve ser refletido, reescrito, de modo descontínuo enquanto experimento. Inesgotável, é sempre parte da história social dos indivíduos, com conteúdos particulares de um estar no mundo (BARBOSA, 1995). Daí porque a orientação nutricional não pode ser concebida como única ou padronizada para cada grupo social, ou cada enfermidade em diferentes sujeitos. Entre uma dieta tecnicamente elaborada e a compreensão do tema, há uma distância que deve ser relativizada. Do mesmo modo, uma orientação verbalizada sobre, por exemplo,

o aleitamento materno, vai além da concepção científica. Da especificidade ao genérico, qualquer que seja o ato pedagógico, necessariamente se percorrem instâncias abstratas e incertas, sem finitudes, provisórias, para que sejam rediscutidas e reconstruídas.

A partir da percepção de fragilidade social de um estar no mundo, constroem-se modelos explicativos para a nutrição e a comida. As imagens caracterizadas como alimento leve, pesado, reimoso e descarregado, ou os de sustança (que dão sustentação ao corpo para o trabalho) e tantos outros conteúdos simbólicos, não são a nosso ver irracionalidades, mas modos de explicar a comida e as necessidades do corpo a partir da forma de como este se encontra inserido na organização social (WOORTMANN, 1978).

Na dietoterapia, o rigor de uma dieta equilibrada em nutrientes, é um *locus* fora das necessidades do desejo, do prazer e da compreensão. O paciente, no sentido adjetivo do termo, situa o tempo provisório do sacrifício e incorpora explicações. Em um estado crônico de hipertensão, por exemplo, a retirada do *sal da vida*, rompe vertiginosamente com este tempo provisório e a existência toma outros significados. Estigmatizados e *castigados* pela dieta, a comida é dissociada do prazer e o corpo necessita buscar outras motivações, outros gostos, para a restauração da vida. A representação social da *comida de doente* é habitada de conteúdos simbólicos, que precisam ser conhecidos e reinterpretados pelos profissionais de nutrição. Daí a importância de rever o ato de educar como processo, e construir novas formas que possibilitem dar suporte aos significados e verificações (SCAMBLER, 1984; FREITAS, 1993).

Os aspectos sócio-culturais da educação nutricional serão conhecidos a partir do encontro real dos sujeitos sociais, estes atores que participam e conferem em conjunto uma determinada terapia, situando as interpretações, discutindo o estado de vida, desconstruindo padrões e reconstruindo outros, a partir do diálogo compreensivo e capaz de justificar mudanças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, E. Espaço-tempo e poder-saber, uma nova episteme? (Foucault e Bachelard). *Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v.7, n.1-2, p.111-120, 1995.

- CAMPORESI, P. Gastronomia sai da cozinha. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 2 ago. 1996. Ilustrada, p.1.
- FREITAS, M.C.S. Educação nutricional em agonia. *Revista Baiana de Enfermagem*, Salvador, v.6, n.2, p.110-116, 1993.
- _____. *Saúde, cidadania, algumas reflexões*. Goiânia, 1996. p.5-8. (Trabalho apresentado no Seminário de Goiás/UNICEF. Goiânia: Secretaria de Saúde, 1996).
- HELLER, A. *O Cotidiano e a história*. 3.ed. São Paulo : Paz e Terra Filosofia, 1989. p.1-13.
- SAVARIN, B. *A fisiologia do gosto: 1848*. Rio de Janeiro : Salamandra, 1989. p.39.
- SCAMBLER, G. Diagnóstico y enfrentamiento de enfermedades estigmatizadoras. In: FITZPATRICK, R., HINTON, J., NEWMAN, S., SCAMBLER, G., THOMPSON, J. *La enfermedad como experiencia*. México : Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología, 1984. p.224-227. (Fondo Cultura Económica).
- SCHEPER-HUGHES, N. *Death without weeping: the violence of everyday life in Brazil*. [s.l.] : University of California Press, 1992. p.128-130.
- WOORTMANN, K. *Hábitos e ideologias alimentares, em populações de baixa renda*. Brasília : UnB, 1978. p.105-110. (Série Antropológica, 20).

Recebido para publicação em 5 de setembro de 1996 e aceito em 6 de fevereiro de 1997.